DIA 14: UNIFICAR AS LUTAS E PREPARAR PARALISAÇÕES PÁGINA 16

Opinião Socialista

ANO XIII - EDIÇÃO 383 - COLABORAÇÃO: R$ 2 - DE 05/08 A 11/08/2009 - WWW.PSTU.ORG.BR

Honduras resiste!

Derrotar o golpe nas ruas!

PÁGINAS 8, 9 E 10

ENQUANTO JOSÉ SARNEY AFUNDA NO SENADO, LULA SE CALA

PÁGINA 6

GRIPE SUÍNA: QUEBRAR AS PATENTES E DISTRIBUIR MEDICAMENTOS

PÁGINA 7

RAUL SEIXAS: O ETERNO MALUCO BELEZA

PÁGINA 11

WEEKEND – Delúbio Soares ainda mantém estreitos laços com o governo. No último final de semana, o pivô do escândalo do mensalão ficou hospedado em sigilo com Lula na Granja do Torto.

DESEMPREGO – Segundo o Ministério do Trabalho, os saques do seguro-desemprego desde o início de 2009 somaram R$ 10 bilhões. Mais de 40% em relação aos realizados no mesmo período de 2008.

'TELEXPLORADOS'

As mudanças na organização do trabalho no setor de telecomunicações depois da privatização do setor foram objeto de estudo do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese). O documento mostra que houve uma diminuição dos salários e um maior uso da força de trabalho jovem e feminina. As mulheres representam mais de 70% no teleatendimento. A média salarial não passa de R$ 930. Além disso, o estudo aponta o enfraquecimento sindical do setor, que contribui para o quadro atual.

PÉROLA

> Para a Casa [Senado], é um privilégio me ter como funcionário

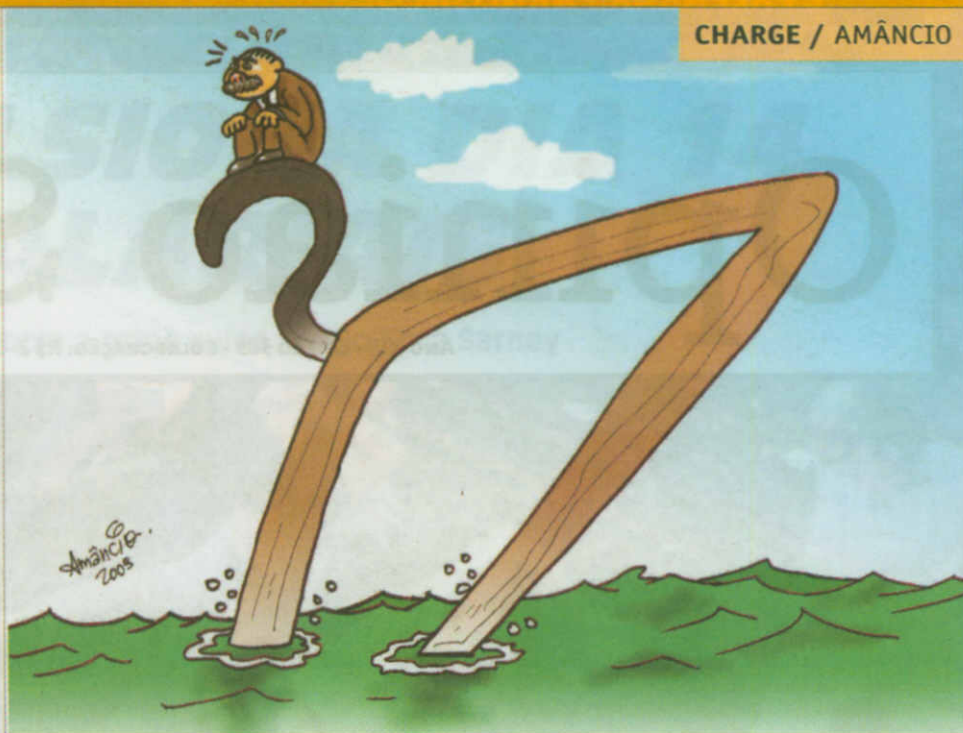
HENRIQUE DIAS, namorado da neta de Sarney. Ele foi nomeado por ato secreto, indicado por Sarney, atendendo a um pedido da neta. (Blog do Noblat - 24/07/2009)

VERY BAD

A economia europeia desaba e o desemprego torna-se cada vez mais dramático, atingindo, sobretudo, os trabalhadores mais jovens. O resultado do PIB no segundo trimestre do ano no Reino Unido aponta a pior queda em 54 anos. O país registrou uma retração de 5,6% em relação a 2008. Em relação ao primeiro trimestre de 2009, a queda foi de 0,8%. No trimestre anterior, havia sido de 1,8% e, antes disso, 2,4%. Embora o trimestre atual indique uma desaceleração na queda livre da Inglaterra, as perdas acumuladas somam mais que o dobro do observado na recessão dos anos 90.

DESPEJADO

No dia 31 de julho, um senhor de 90 anos foi despejado de sua moradia numa megaoperação comandada pela Prefeitura de Niterói. O Sr. Alcebíades Fernandes, conhecido como "Seu Mocinho", é um trabalhador aposentado e muito pobre. Deficiente físico, trabalhou a vida inteira e se aposentou por invalidez, mas, como milhões de trabalhadores brasileiros, nunca conseguiu comprar uma casa para morar. Há mais de seis anos, o terreno com um casebre foi cedido ao "Seu Mocinho" por um antigo proprietário de imóveis do bairro. Anos depois, surpreendido, soube que o imóvel fora vendido para a prefeitura. "Ele foi notificado e a remoção publicada no Diário Oficial. O processo foi sentenciado e, se for necessário, ele sai preso", disse o diretor de patrimônio do município, Luiz Gustavo Morais.

Casa sendo demolida

CHARGE / AMÂNCIO

REBELIÃO

Um executivo de uma siderúrgica foi morto durante rebelião de metalúrgicos da siderúrgica estatal Tonghua Irons and Steel Works, norte da China, no dia 23 de julho. A rebelião ocorreu depois que Chen Guojen, o executivo designado para reestruturar a empresa, anunciou aos trabalhadores que os 30 mil postos de trabalho poderiam ser reduzidos para 5 mil. Cerca de 3 mil metalúrgicos, furiosos, agrediram-no com pedaços de paus e pedras e impediram que policiais e uma ambulância socorressem o empresário após o linchamento.

ATIVIDADES dos 15 anos

PSTU 15 ANOS

Em Natal, 15 anos foram marcados pela emoção

João Paulo da Silva, de Natal (RN)

Na noite de 31 de julho, o PSTU do Rio Grande do Norte realizou um ato-festa para relembrar as lutas que marcaram a história do partido. O evento ocorreu num dos bares mais frequentados do centro de Natal e reuniu cerca de 100 pessoas.

"O PSOL acredita que vocês têm cumprido um importante papel na luta da classe trabalhadora pelo socialismo", disse Sandro Pimentel, presidente do PSOL no estado. Bárbara Rocha, estudante de serviço social e militante do PSTU, explicou as razões que a fizeram entrar no partido. "Coloquei minha vida no projeto da revolução, no projeto do PSTU, porque acredito no programa do socialismo", disse.

Aniversário do partido tem jornada de atividades

Juary Chagas, de Natal (RN)

Durante os meses de julho e agosto, os militantes do PSTU no Rio Grande do Norte organizam uma jornada de atividades.

Na tarde do dia 24, a militância se dirigiu ao Calçadão da João Pessoa, em Natal. Lá se realizou o tradicional "PSTU na praça", uma atividade já conhecida pelos que frequentam o centro de Natal. Nela, os militantes dialogam com os trabalhadores através de panfletagem e intervenções no carro de som.

Já no dia 21 de julho, na cidade de Currais Novos, a 180 quilômetros de Natal, a atividade contou com a presença do dirigente Alexandre Guedes, recepcionado pela jovem militância do PSTU, além de simpatizantes e convidados.

As diversas intervenções na plenária mostraram que, mesmo sabendo das dificuldades de manter a militância em uma cidade pequena, que sofre com a pobreza e a miséria marcantes no interior do Nordeste, existe disposição para lutar por uma transformação na sociedade.

Ato em Maringá comemorou os 15 anos

Pierre Fernandez, de Maringá (PR)

No dia 4 de julho, no auditório da Associação dos Docentes da Universidade Estadual de Maringá (Aduem), ocorreu um ato em comemoração aos 15 anos do PSTU. Estiveram presentes cerca de 50 pessoas das cidades de Maringá, Paranavaí e Londrina, entre simpatizantes, amigos, militantes do PSTU e membros do PSOL.

Flávia Bischain, da direção regional do PSTU, lembrou: "É com muito orgulho que comemoramos o salto do partido na cidade. Em pouco mais de um ano, ampliamos de cinco para cinquenta militantes".

OPINIÃO SOCIALISTA é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua dos Caciques, 265 - Saúde - São Paulo - SP - CEP 04145-000
Fax: (11) 5581.5776 e-mail: opiniao@pstu.org.br

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** Diego Cruz, Gustavo Sixel, Jeferson Choma, Marisa Carvalho, Wilson H. da Silva **DIAGRAMAÇÃO** Victor Pontes "Bud" **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 5581-5776 assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas

ENDEREÇOS

SEDE NACIONAL

Rua dos Caciques, 265
Saúde - São Paulo (SP)
CEP 04145-000 - (11) 5581-5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br

ALAGOAS
MACEIÓ - Rua Dias Cabral, 159, 1º andar - sala 102 - Centro - (82)9903.1709
maceio@pstu.org.br

AMAPÁ
MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374 - Sala 013 - Centro (altos Bazar Brasil)
(96) 3224.3499 macapa@pstu.org.br

AMAZONAS
MANAUS - R. Luiz Antony, 823,
(92) 234-7093 manaus@pstu.org.br

BAHIA
SALVADOR - Rua da Ajuda, 88, 301 Centro (71) 3321-5157 salvador@pstu.org.br

CEARÁ
FORTALEZA fortaleza@pstu.org.br
BENFICA -Rua Juvenal Galeno, 710, 60015-340.

DISTRITO FEDERAL
BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul (SDS)- CONIC - Edifício Venâncio V, subsolo, sala 28 Asa Sul - (61) 3321-0216
brasilia@pstu.org.br

GOIÁS
GOIÂNIA - R. 70, 715, 1º and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência)
(62) 3224-0616 / 8442-6126

MARANHÃO
SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550
saoluis@pstu.org.br

MATO GROSSO
CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL
CAMPO GRANDE - Av. América, 921
Vila Planalto (67) 384-0144

MINAS GERAIS
BELO HORIZONTE bh@pstu.org.br
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736

PARÁ
BELÉM belem@pstu.org.br
Passagem Dr. Dionízio Bentes, 153 - Curió - Utingá - (91) 3276-4432

PARAÍBA
JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, (83) 241-2368 - joaopessoa@pstu.org.br

PARANÁ
CURITIBA - R. Cândido de Leão, 45 sala 204 - Centro (próximo a Praça Tiradentes)

PERNAMBUCO
RECIFE - Rua Monte Castelo, 195
Boa Vista - (81) 3222-2549

PIAUÍ
TERESINA - Rua Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO
RIO DE JANEIRO rio@pstu.org.br
(21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja

RIO GRANDE DO NORTE
NATAL
CIDADE ALTA - R. Apodi, 250 (84) 3201-1558

RIO GRANDE DO SUL
PORTO ALEGRE portoalegre@pstu.org.br
CENTRO - R. General Portinho, 243
(51) 3024-3486 / 3024-3409

SANTA CATARINA
FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 77, (48) 3225-6831 floripa@pstu.org.br

SÃO PAULO
SÃO PAULO saopaulo@pstu.org.br
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604

SERGIPE
ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530
aracaju@pstu.org.br

Veja todas as sedes em www.pstu.org.br

EDITORIAL

O QUE TRARÁ O SEGUNDO SEMESTRE?

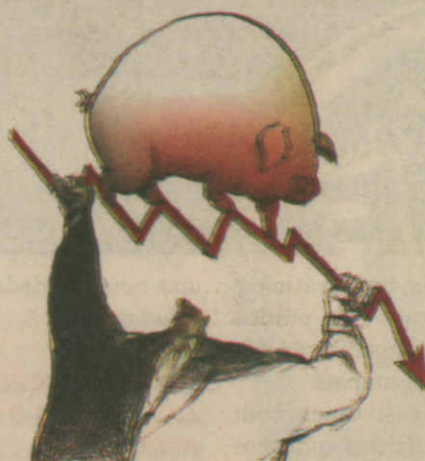
O governo Lula terminou o semestre passado como gostaria. Seus planos econômicos seguem empurrando a crise para frente. E, mesmo com ela, sua popularidade se manteve e até cresceu.

O segundo semestre pode ter um rumo diferente. Três fatos indicam a possibilidade de desgaste do governo. Como ele tem a seu dispor aliados poderosos, como os meios de comunicação e as principais direções do movimento de massas, pode ser que siga escapando de todos, como até agora evitou o desgaste da crise. Mas a batalha está apenas começando.

O primeiro fato é a existência de campanhas salariais muito importantes, como as de metalúrgicos, construção civil, bancários, petroleiros, trabalhadores dos Correios, mineração e várias outras, inclusive do funcionalismo público. Há sinais de que os trabalhadores vão à luta e, para isso, acaba ajudando o fato de que acreditem não haver crise econômica. A situação de dureza e endividamento crescente impõe a necessidade dos reajustes, assim como a realidade no chão das empresas, com um ritmo de trabalho infernal. A patronal está impondo uma superexploração violenta como forma de se preparar para a crise, mantendo o arrocho salarial e aumentando o ritmo de trabalho. Pelo mesmo motivo, deve ter uma atitude dura nas negociações, o que sinaliza lutas difíceis pela frente.

Essas mobilizações vão se enfrentar com a patronal. Mas, por trás dos panos, estará o governo. Muitas vezes os trabalhadores não fazem essa relação, mas é a verdade. Em primeiro lugar, porque o plano econômico é aplicado pelo governo que, além disso, está dando grandes somas de dinheiro para as grandes empresas e nada faz pelos trabalhadores. Em segundo lugar, as maiores centrais sindicais são governistas, como a CUT e a Força Sindical, e essas direções vão buscar de todas as maneiras bloquear as lutas para favorecer os patrões e o governo.

Essas campanhas salariais podem ser vitoriosas, caso consigam se organizar para os enfrentamentos e unificar as mobilizações, como agora no dia 14. Para isso, será necessário que se imponham direções combativas, alternativas à CUT e à Força Sindical. Essas novas direções avançarão politicamente se suas bases tirarem conclusões mais claras em relação ao governo Lula, a partir de suas próprias experiências.

O segundo fato que pode levar ao desgaste de Lula é a evolução do caso Sarney. O governo se empenhou de todas as maneiras em manter o presidente do Senado para preservar a unidade eleitoral com o PMDB em 2010. Os trabalhadores estão contra a corrupção de Sarney, mas ainda não ligam diretamente sua continuidade ao governo. É muito importante que a luta pelo Fora Sarney seja feita não sob a ótica de "moralização do Senado", como quer o PSOL, mas em enfrentamento contra essa instituição completamente dispensável. Também é preciso que os ativistas denunciem com clareza a responsabilidade direta de Lula pela continuidade de Sarney.

O terceiro fato importante é a disseminação da gripe suína. A epidemia já tomou o país e está completamente fora do controle do governo. O número de mortos está sendo subestimado conscientemente. O caos da saúde pública se torna visível e descarado. Mas, pelo menos até agora, também aqui os trabalhadores culpam qualquer um, menos o governo pela situação de crise aberta nos prontos-socorros do país.

O governo Lula está sendo diretamente irresponsável com a saúde do povo ao se recusar a quebrar a patente do oseltamivir (matéria-prima do medicamento Tamiflu), o que permitiria a fabricação em massa e distribuição gratuita do remédio. A insistência em entregá-lo só para casos graves impede que os pacientes tomem a medicação antes que a gripe se agrave, o que poderia evitar milhares de mortes. Aqui se manifesta a subordinação do governo às multinacionais, que fabricam o produto e não querem perder seus gigantescos lucros. Aqui também é preciso que os movimentos sindical, estudantil e popular denunciem com clareza essa situação e exijam de Lula uma mudança imediata de postura, para defender a saúde do povo brasileiro.

OPINIÃO

Obama e os limites da propaganda

***EDUARDO ALMEIDA**, da redação*

A crise econômica internacional está sendo enfrentada pelos governos burgueses com armas bem distintas das utilizadas em 1929. Frente ao pânico de que se repita uma depressão como aquela, eles já entregaram às grandes empresas cerca de 13 trilhões de dólares, feito inédito na história. Algo bem distinto de 1929, em que deixaram correr as quebras bancárias.

Hoje, também é possível para os governos fazer uma utilização massiva dos atuais meios de comunicação (a invenção da TV é de 1936) como arma política para difundir a ideia de que "o pior já passou", a "recuperação já começou", etc. Obama é um craque nesse tema, assim como Lula.

Um exemplo é a divulgação na TV dos índices do PIB dos EUA no segundo trimestre deste ano. Uma queda de 1% foi apresentada como uma vitória, um sinal claro de que a recuperação já havia começado. Isso porque a queda foi menor que nos trimestres anteriores (5,4% no quarto trimestre de 2008 e 6,4% no primeiro deste ano).

Na verdade, trata-se apenas de uma desaceleração da queda. Nada mais, nada menos. Oscilações desse tipo ocorreram também durante o próprio ano de 1929, e não determinam em absoluto a dinâmica da crise. Basta lembrar que foi o quarto trimestre de recessão nos EUA, o que não ocorria desde 1947.

Mas a realidade vai se impondo sobre os gigantescos esforços financeiros e de propaganda dos governos. A crise segue e o desemprego nos EUA superou o simbólico índice de 10%. Acompanhando o crescimento do desemprego, a popularidade de Obama começa pela primeira vez a diminuir. Caiu de 68% para 58% em todo o país, e nos estados com índices maiores de desemprego é inferior a 50%. Obama já tem índices semelhantes aos de Bush e Nixon em momentos semelhantes do mandato.

Esse é um acontecimento político chave, que não pode ser subestimado. Obama é um fator importantíssimo em termos políticos e ideológicos. Houve um retrocesso na consciência anti-imperialista das massas em todo o mundo com a saída de Bush e a entrada de Obama. Os trabalhadores acreditam ter um aliado no governo da principal potência imperialista.

O início do desgaste de Obama sinaliza o que já vínhamos alertando há alguns meses: estamos somente no início desta crise e de suas consequências políticas. Acontecimentos extraordinários na luta de classes devem marcar a passagem desta crise, que já é a maior em 80 anos.

PERMANECER NA UNE OU AVANÇAR NA CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA ENTIDADE?

Uma polêmica com a esquerda dessa organização

LEANDRO SOTO, da Secretaria Nacional de Juventude do PSTU

Desde o início do governo Lula, a União Nacional dos Estudantes se tornou uma agência do Ministério da Educação no movimento estudantil. De lá para cá, não foram poucas as oportunidades para a UNE demonstrar sua fidelidade canina para com o atual presidente, sempre se colocando em defesa do projeto neoliberal.

As cenas mais recentes dessa lamentável novela ocorreram no 51° Congresso da UNE, em Brasília. O ato de abertura no encontro nacional de estudantes do Prouni foi transformado num palanque eleitoral. Lula e Dilma Rousseff, ao vivo e a cores, puderam iniciar a campanha petista para a Presidência em 2010, demonstrando de forma ainda mais evidente a triste decadência política dessa histórica entidade. Coerente com o seu compromisso de defesa intransigente do governo Lula, a UNE se posicionou contra o "Fora Sarney" ou, em outras palavras, pelo "Fica Sarney". O congresso também não aprovou nenhuma resolução capaz de armar a luta do movimento estudantil contra os principais ataques à educação e os efeitos da crise econômica.

Assim, o congresso da UNE em nada contribuiu para o avanço do movimento estudantil combativo e independente do governo. Na realidade, o evento serviu apenas para aprovar a política neoliberal do governo Lula aos olhos da população, cobrindo-a com um verniz de esquerda. Esse tem sido o triste papel da UNE.

Como todos sabem, nós, da juventude do PSTU, há alguns anos deixamos de participar dos fóruns da UNE e de dedicar nossos esforços à construção dessa entidade. Partimos de uma avaliação de que os caminhos que o movimento estudantil precisa trilhar não passam mais pela construção da UNE. Isso porque essa entidade perdeu completamente sua independência diante do governo Lula, se tornou cada vez mais burocrática e antidemocrática e é na prática um obstáculo à organização das lutas estudantis no país.

Por isso, estivemos com centenas de ativistas independentes e entidades estudantis no Congresso Nacional dos Estudantes (CNE) e estamos dedicando nossos esforços à construção da Assembleia Nacional dos Estudantes – Livre (ANEL), uma nova entidade nacional para o movimento estudantil brasileiro.

Sabemos, porém, que nossa posição não é consenso entre todos os lutadores. Ainda há aqueles que acreditam que a melhor maneira de organizar a luta contra o projeto neoliberal de Lula é através da atuação pela UNE.

Esse é um tema bastante polêmico no movimento estudantil. Por isso, queremos realizar um debate sincero com os companheiros da esquerda da UNE. Queremos debater e tirar conclusões práticas dos últimos anos em que estivemos atuando juntos na luta. A quem favoreceu a permanência dos companheiros na UNE? A quem favoreceu a postura dos companheiros de se negar a construir uma nova entidade nacional dos estudantes?

COMO FORTALECER A LUTA CONTRA O PROJETO NEOLIBERAL?

Mesmo convencidos, pela dura realidade de fraudes e falta de democracia nos fóruns da UNE, de que não irão mudar seus rumos, os companheiros da esquerda dessa entidade seguem opinando que é necessário participar de seus fóruns. Por isso, a maior parte desses companheiros se negou a construir o CNE e não estão conosco na ANEL.

Já passa da hora de os companheiros tirarem conclusões sobre sua permanência na UNE. No que essa forma de atuação contribuiu para o enfrentamento com o projeto neoliberal do governo? O que somou mais para a construção e o fortalecimento das lutas do movimento estudantil? A participação no congresso da UNE ou a construção do CNE?

Essas perguntas possuem respostas. A verdade é que a permanência dos companheiros da esquerda da UNE na construção dos fóruns dessa entidade em nada contribuiu para o avanço das lutas contra o projeto neoliberal na educação. Nenhuma iniciativa de luta surgiu como consequência da atuação dos companheiros ali. Pelo contrário, sua presença nessa entidade a auxilia em sua vã tentativa de manter uma imagem de uma entidade ampla, quando na realidade é uma agência do governo Lula.

Por outro lado, se os companheiros se somassem na construção da ANEL aos mais de 1.800 estudantes presentes ao CNE e aos outros milhares que não puderam comparecer, o movimento estudantil brasileiro iria, sem dúvida, avançar muito nacionalmente.

A existência de uma entidade nacional para organizar as lutas não é um capricho, e sim uma necessidade comprovada tantas vezes ao longo da história. Sem dúvida, o movimento estudantil brasileiro estaria ainda mais forte para lutar contra os ataques neoliberais se os companheiros da esquerda da UNE estivessem construindo a ANEL.

Lembramos a eles que, conforme decisão do CNE, não é necessário sequer que os companheiros e as entidades que eles constroem rompam com a UNE para se somar à construção da ANEL. Nesse sentido, reafirmamos sinceramente o chamado para que os companheiros se juntem a todos os estudantes já estão engajados nessa tarefa.

É preciso tirar lições das lutas dos últimos anos. Seguir nos fóruns da UNE não serviu de nada para a luta dos estudantes. A não existência de uma entidade nacional combativa prejudicou muito a nossa luta. É preciso romper com a UNE e construir a ANEL!

Desde já, reafirmamos nossa disposição de atuar em todas as lutas lado a lado com os companheiros da esquerda da UNE, independente de sua posição nesse debate. Mas não podemos deixar de fazer um debate tão importante para os rumos do movimento estudantil. O projeto neoliberal está sendo implementado e o tempo passa. Até quando os companheiros seguirão cometendo o erro de permanecer nos marcos da UNE e não se somar à construção de uma nova entidade estudantil? Com a palavra, os companheiros da esquerda da UNE.

www.archivoleontrotsky.org
RECUPERANDO A HISTÓRIA REVOLUCIONÁRIA

UM ARQUIVO ONLINE com as mais variadas experiências das correntes de esquerda. Essa é a proposta do Arquivo Leon Trotsky. Martín Hernández e Iraci Borges explicam essa ousada ideia e falam da importância para militantes e pesquisadores

FONTE: WWW.LITCI.ORG

Qual é o objetivo da página Arquivo Leon Trotsky?

Martín Hernández - A intenção de nossa página é tornar públicos os documentos que estão guardados nos arquivos das organizações revolucionárias.

Tornar públicos documentos secretos?

Martín Hernández - Esse é um dos objetivos. Efetivamente, nos arquivos das organizações revolucionárias, existe uma grande quantidade de documentos que até agora foram secretos. No momento certo e por razões de segurança, esses documentos não puderam tornar-se públicos, mas, depois de 30 ou 40 anos, podem ser visitados sem maiores problemas. Por exemplo, existem milhares de documentos produzidos na década de 1970 na América Latina, quando na maioria dos países governavam ditaduras militares. A página vai tornar pública uma parte importante desses documentos.

Iraci Borges - Existem jornais, revistas, gravações, vídeos etc. que há várias décadas tiveram caráter público, mas que são desconhecidos para novas gerações. Esses documentos também estão guardados nos arquivos, com grande quantidade de materiais de formação marxista, como escolas, conferências e seminários sobre os mais diversos temas, dados importantes de dirigentes já falecidos.

Qual é a utilidade política de uma página desse tipo?

Martín - Achamos que, para a militância revolucionária, um arquivo como o que estamos construindo não só é importante, mas imprescindível.

Cada vez que uma organização ou um militante revolucionário se enfrenta com uma nova situação, não precisa inventar a roda. Porque outros revolucionários, antes dele, deram respostas a situações similares, mas é necessário partir das conclusões a que chegaram no momento certo. Essas experiências podem ser achadas nos livros e, fundamentalmente, nos arquivos.

Iraci - Em geral, os revolucionários recorrem a essas experiências e o fazem a partir dos poucos livros marxistas que existem no mercado, mas são poucos os que têm possibilidades de ter acesso a um bom arquivo, porque a maioria das organizações não o possui ou o tem de forma muito limitada. Por outro lado, na instância de um determinado país e dadas as distâncias, é impossível que os militantes ou pesquisadores possam trabalhar cotidianamente com um arquivo de uma determinada organização.

E qual é a proposta do arquivo para aproximar militantes e pesquisadores?

Iraci - São duas. Por um lado, construir um grande arquivo de caráter internacional e, por outro, conseguir, através da internet, que um militante ou um investigador de qualquer lugar do mundo possa ter contato cotidiano com esse arquivo.

O objetivo de nossa página é facilitar ao máximo o acesso das pessoas ao arquivo. Por isso, além de um sistema de busca similar aos que já existem na internet, apresentaremos de maneira destacada os documentos mais importantes.

O arquivo será apenas da corrente morenista?

Martín - Não. Nosso objetivo é colocar no arquivo todos os documentos que possam ser de utilidade para os revolucionários. Se atualmente o grosso é da corrente fundada por Nahuel Moreno é porque a revista de teoria e política "Marxismo Vivo" (do Instituto José Luís e Rosa Sundermann), que promove esse projeto, se identifica com tal corrente. Mas isso é só o começo. Nosso objetivo é colocar os mais variados documentos das mais variadas correntes, inclusive os daquelas correntes inimigas da revolução socialista, porque consideramos que esses materiais também são úteis para os revolucionários.

Quantos documentos existem na página?

Iraci - O arquivo começou a funcionar no dia 29 de maio com 367 documentos, dos quais 268 eram textos e 99 imagens. Agora há 760 documentos, 589 são textos e 171 imagens.

Começamos com poucos documentos, mesmo que em nosso banco de dados existam mais de 10 mil. Essa disparidade entre os documentos que temos e o que estão disponíveis na página se deve a que cada um tem que ser revisado antes da publicação. Na fase atual, nosso objetivo é liberar cerca de 400 documentos a cada mês.

O acesso será livre?

Iraci - Atualmente sim, mas em alguns meses só os assinantes poderão ter acesso ao conjunto dos documentos.

Ainda que nossa página não vise o lucro, necessita cobrir os custos de produção, que são muito altos. É necessário entender, então, que estamos começando a construir um arquivo internacional e colocando-o à disposição dos revolucionários de todo o mundo. Isso pressupõe despesas enormes em máquinas, viagens, digitalização, traduções etc.

Martín - De qualquer maneira, levando em consideração que a grande maioria dos revolucionários são pessoas de poucos recursos, vamos propor assinaturas muito econômicas, apenas 5 dólares mensais. Assim, o futuro da página, tanto quanto à quantidade de documentos como em relação à quantidade de idiomas em que eles serão apresentados, estará subordinado à quantidade de pessoas que o assinem.

Querem acrescentar algo?

Martín - Sim, queríamos ressaltar uma aparente contradição entre a ousadia do projeto que encaramos, que é fazer algo inédito, construir o arquivo da revolução socialista, e o começo bastante humilde dele, já que inauguramos a página com menos de 400 documentos.

Essa aparente contradição tem a ver com o fato de que não somos uma empresa capitalista, mas um grupo de socialistas revolucionários que, como tais, nos propomos a tomar o "céu por assalto" começando por dar humildemente os primeiros passos. Nesse sentido, fazemos como todos aqueles pequenos grupos que começam a organizar-se para mudar o mundo e que são profundamente otimistas apesar de seu tamanho inicial, porque sabem que se apoiam em poderosas forças sociais. Somos otimistas porque sabemos que não estamos sós nessa tarefa de construir o arquivo da revolução.

Desde que lançamos a ideia da página, recebemos apoio de muitos setores e de muitos países, tanto no aspecto financeiro como de materiais para o arquivo. Agora, é necessário que esse apoio se amplie. Por isso, pedimos – a todos que compartilham dos ideais do projeto do Arquivo Leon Trotsky – que visitem e divulguem a página e que, além de assinarem, consigam novos assinantes.

*Tradução: Antonio C. Moraes

SARNEY SE AFUNDA EM MAR DE LAMA E OBRIGA LULA A SILENCIAR

PRESIDENTE DEIXA DE SAIR EM DEFESA do peemedebista, mas mantém operação para preservá-lo no cargo

***DIEGO CRUZ**, da redação*

A revelação das conversas telefônicas em que José Sarney (PMDB-AP) negocia cargos no Senado aprofundou ainda mais a crise política. Até mesmo Lula, que vinha defendendo publicamente o senador, foi obrigado a recuar em suas declarações.

"O Sarney tem história no Brasil suficiente para que não seja tratado como se fosse uma pessoa comum", chegou a declarar o presidente em junho. No último dia 30 de julho, porém, o discurso já era outro. *"Não votei no Sarney para ser presidente do Senado nem votei para ele ser senador"*, afirmou à imprensa. As falas deixam claro que Lula evita agora estar tão associado ao senador. *"Somente o Senado, que o elegeu, é que pode dizer se ele vai ficar ou não"*, completou.

LIGAÇÕES PERIGOSAS

As gravações da Polícia Federal fazem parte de uma investigação sobre o filho de Sarney, o empresário Fernando Sarney. Nelas, a neta do senador liga para o pai a fim de arrumar um emprego para o namorado na Casa. O empresário, por sua vez, negociou o cargo diretamente com o então diretor-geral do Senado, o todo-poderoso Agaciel Maia. Depois, ligou para Sarney e confirmou a nomeação.

"Pedi pro Agaciel segurar com ele. Agaciel tá com os dois currículos (do neto de Sarney e do namorado de sua neta) na mão dele, tá com tudo lá", diz Fernando a José Sarney, em trecho da gravação. O presidente do Senado, solícito, responde *"tá bom, eu vou falar com ele"*. Oito dias depois, a nomeação foi publicada. Ou melhor, não foi, já que ocorreu por ato secreto.

Ninguém duvidava mais da existência dos tais atos secretos, medidas administrativas de todo tipo implementadas pela direção do Senado, inclusive para criar cargos para parentes. As gravações, porém, foram a prova concreta do nepotismo.

LULA SEGURA SARNEY ATÉ O ÚLTIMO MOMENTO

Lula mobilizou sua tropa de choque e defendeu Sarney até onde pôde. Para isso, criou indisposições com a bancada do PT no Senado e chegou a desautorizar uma nota assinada pelo líder do partido na Casa, Aloizio Mercadante, que exigia investigação sobre o caso.

O objetivo de Lula era manter a todo o custo Sarney na presidência do Senado, a fim de garantir a maioria na Casa e não atrapalhar a candidatura de Dilma Roussef em 2010.

Queda de Sarney não resolve crise no Senado

Não só o PT sofreu com as turbulências internas provocadas pelas denúncias. O PMDB vive uma verdadeira guerra entre lideranças, com Pedro Simon e Jarbas Vasconcellos de um lado, pedindo a renúncia de Sarney, e Renan Calheiros, de outro, comandando a resistência do presidente do Senado.

Ao mesmo tempo, a batalha entre os partidos se acirra ainda mais. Depois de muito hesitar, o PSDB finalmente decidiu romper com o antigo aliado e oficializou representação no Conselho de Ética contra o presidente da Casa. Sarney acumula nada menos que 11 representações no Conselho. Renan Calheiros, por sua vez, decidiu contra-atacar e anunciou uma representação contra o líder tucano Arthur Virgílio. Em 2005, o senador teve as contas de uma viagem a Paris pagas por Agaciel Maia. Além disso, o senador tucano mantinha um funcionário fantasma em seu gabinete.

O DEM, por sua vez, não pode capitanear uma oposição pela direita a Sarney. Além de ter no presidente do Senado um antigo aliado, o ex-PFL historicamente ocupa a primeira-secretaria da Casa. Ou seja, o partido sempre esteve na direção do Senado e pisa em ovos na hora de se envolver no escândalo de Sarney.

SARNEY É A PONTA DO ICEBERG

Lula, embora evite agora se envolver diretamente, trabalha por baixo dos panos para manter Sarney no comando do Senado. O político, porém, pode cair a qualquer momento, já que os próprios senadores se articulam para tentar salvar a manchada imagem da Casa. Os elementos que desencadearam o escândalo, porém, vão continuar e a crise política não vai terminar com a saída de Sarney.

Por isso, não é suficiente que ele caia. Os desmandos no Senado expressam seu verdadeiro caráter: um contrapeso a qualquer pressão popular que possa influir no Congresso. Por isso, os senadores "se lixam" para a opinião pública.

O PSTU defende o fim do Senado e uma única câmara parlamentar, com mandatos revogáveis a qualquer momento.

...e os envergonhados

INÁCIO ARRUDA (PCDOB-CE)

O PCdoB não fez uma crítica sequer ao senador. Ao contrário, tem sido só elogios ao ex-presidente. Como Haroldo Lima, que viu um "papel decisivo" e "progressista" de Sarney na história. Para o editorial de A Classe Operária, veículo do partido, as denúncias são "armação. A vergonha foi sumindo... No congresso da UNE, os jovens do partido rejeitaram a proposta de "Fora Sarney". E Inácio Arruda foi indicado para defender Sarney no Conselho de Ética

É PRECISO QUEBRAR A PATENTE E DISTRIBUIR DE GRAÇA OS MEDICAMENTOS

PACIENTES COM SINTOMAS DA GRIPE suína são obrigados a voltar para casa sem os remédios. Enquanto isso, ministro diz que governo está "longe da quebra de patentes" para produzir vacinas e medicamentos contra epidemia

***JEFERSON CHOMA**, da redação*

Segundo o balanço do Ministério da Saúde divulgado no último dia 31, o Brasil já tem 1.958 casos de gripe suína, também chamada de gripe A. Ao menos 76 pessoas morreram no país em consequência da doença, informam dados do ministério e das secretarias de saúde. No entanto, o balanço está completamente subestimado pelo governo. Muito mais mortes já foram causadas pela gripe.

Casos de mortes são registrados em quase todas as regiões do país, inclusive no Nordeste, que nem está nas estimativas do Ministério da Saúde. São Paulo tem o maior número de vítimas, seguido pelo Rio de Janeiro e o Rio Grande do Sul.

Por outro lado, a explosão do vírus no Brasil provocou um grande aumento na procura por hospitais. A falta de medicamentos e de treinamento de médicos e enfermeiros, além dos pacientes que enfrentam horas na fila em busca de atendimento, evidenciam o caos na saúde pública.

MEDICAMENTOS NÃO SÃO DISTRIBUÍDOS

Para agravar ainda mais a situação e as mortalidades, pacientes com sintomas da gripe são mandados para casa, sem medicação. A distribuição de remédios está sendo limitada apenas aos pacientes que fazem parte do chamado grupo de risco (gestantes, crianças de até dois anos e pessoas que já apresentam problemas respiratórios ou deficiência imunológica). Esse protocolo impede que a maioria dos suspeitos de terem contraído o vírus recebam o medicamento nas primeiras 48 horas a partir do início dos sintomas. Passadas essas primeiras horas, o medicamento não tem mais efeito.

Rua 25 de Março, no centro de São Paulo (SP)

Em São Paulo, hospitais privados estão cobrando 115 reais pelo exame da gripe A. O resultado sai em até 48 horas. Na rede pública, demora uma semana

O resultado é que um paciente com os sintomas da gripe A em busca de atendimento médico é dispensado sem receber nenhum medicamento por não fazer parte do grupo de risco. Em muitos casos, ele retorna com maior gravidade, mas não poderá ser medicado, pois já se passaram as 48 horas.

A mesma restrição vai ser aplicada às 210 mil cartelas do medicamento oseltamivir (comercializado como Tamiflu) distribuídos pelo governo. O lote foi adquirido pelo Brasil em 2006, durante o surto de gripe aviária na Ásia.

Muitos, porém, contestam a decisão, como o Ministério Público Federal paulista, o Conselho Regional de Farmácia de São Paulo e a Defensoria Pública da União do Rio de Janeiro.

"Tenho o relato de um paciente de São José do Rio Preto (SP) com quem aconteceu isso e ele veio a falecer. O protocolo está sendo ineficiente, porque as mortes estão crescendo", disse o procurador Jefferson Aparecido Dias ao jornal Folha de S. Paulo.

Mesmo os pacientes do grupo de risco não estão recebendo a medicação, pelo despreparo da rede pública e o caos das últimas semanas. Muitos só recebem depois da confirmação por exame, que na rede pública sai entre sete a dez dias, ou seja, muito tarde para qualquer tratamento.

Mas quem tem condições de pagar consegue o diagnóstico bem antes. A reportagem do Opinião apurou que o hospital Sírio Libanês, em São Paulo, está cobrando 115 reais pelo exame de diagnóstico da gripe. O resultado sai em até 48 horas. Outros hospitais particulares adotaram esse mesmo procedimento na capital paulista.

QUEBRA DE PATENTES

O governo alega que a restrição serve para não tornar o vírus "mais resistente". Trata-se de uma desculpa esfarrapada, impossível de ser sustentada em qualquer discussão séria sobre o tema. Para evitar uma possível resistência, pessoas são condenadas à morte. Mata-se para preservar o remédio. O verdadeiro motivo é a submissão do governo Lula às multinacionais. Não quer quebrar a patente do oseltamivir (Tamiflu) para não se chocar com o laboratório suíço Roche, que produz o medicamento.

"Estamos longe da quebra de patentes. Essa opção não se coloca no cenário", disse o ministro da Saúde, José Gomes Temporão.

A recusa do governo é um verdadeiro crime que só beneficia as grandes indústrias farmacêuticas. As vendas da Roche aumentaram 203% no primeiro semestre de 2009. Nesse período, as vendas de Tamiflu alcançaram 1 bilhão de francos suíços (cerca de R$ 1,7 bilhão de reais) nos primeiros seis meses.

As vacinas também são fabricadas por um punhado de multinacionais. Os governos dos países ricos já compraram 1,8 bilhão de doses de forma antecipada. Só a França já comprou 100 milhões de doses, quase duas vezes mais que sua população de 64 milhões habitantes. O resultado é a falta de vacinas nos países da América Latina, onde há o maior número de casos e mortes causadas pela epidemia. O Brasil, por exemplo, só vai contar com vacinas no próximo ano, pois os estoques foram vendidos para os países imperialistas.

Infectologistas apontam para uma segunda onda da gripe suína na América do Sul no próximo inverno de 2010, quando o vírus será ainda muito mais grave e letal. Ao não quebrar as patentes para iniciar imediatamente a fabricação de medicamentos e vacinas, o governo terá deliberadamente deixado morrer milhares de pessoas que, se tratadas, poderiam ser salvas.

As entidades dos movimentos sindical, popular e estudantil devem exigir do governo a imediata quebra de patentes para que o país possa combater a gripe suína. O monopólio da vacina e dos medicamentos não pode ficar nas mãos de um punhado de capitalistas que buscam o lucro com a morte do povo pobre.

A quebra de patentes deve ser a primeira medida de um amplo programa de combate à gripe suína. As entidades sindicais e estudantis devem exigir que o governo pare de restringir o acesso da população aos medicamentos e defender a sua distribuição gratuita a toda a população, além de uma ampla campanha nacional de vacinação. Essa deve ser a primeira medida de um plano de saúde estatal, gratuito e de qualidade para o conjunto da população.

Tamiflu, medicamento usado para combater a Gripe A

A HERÓICA LUTA DO POVO HONDURENHO INDICA O CAMINHO: DERROTAR O GOLPE COM A MOBILIZAÇÃO POPULAR

LIGA INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES - QUARTA INTERNACIONAL, www.litci.org

Os golpistas de Honduras deram nova demonstração de sua sanha assassina e de seu ódio ao povo. Por mais de cinco dias, mantiveram o cerco aos que foram à fronteira receber o presidente deposto, Manuel Zelaya. Os militares são responsáveis pela morte de Pedro Magdiel (encontrado com marcas evidentes de tortura) e por prender milhares de pessoas em locais insalubres, sem água e comida. Manifestantes tiveram que se arriscar em atalhos pelas montanhas. Na capital, Tegucigalpa, militares colocaram uma bomba num sindicato onde ocorria uma reunião da Frente de Resistência contra o Golpe.

As mortes e a "prisão ao ar livre" mostram claramente as atrocidades do regime. As organizações do movimento de massas e amplas camadas dos povos da América Central e de todo o mundo reagem indignadas às barbaridades. E a resistência atrai setores cada vez mais amplos da população. Estão dadas as condições para ampliar ainda mais o repúdio e multiplicar as mobilizações até derrotar o golpe.

A armadilha do acordo de San José

NEGOCIAÇÃO é promovida pelo imperialismo

Dos EUA, Barack Obama percebe a difícil situação em que os golpistas se meteram. Através de seu homem de confiança, Oscar Arias, presidente de Costa Rica, lançou um plano cujo centro é a volta controlada de Zelaya ao poder, com o mandato reduzido. Tudo para garantir o objetivo do imperialismo, dar estabilidade ao regime e impedir que a mobilização de massas escape do controle. Por isso, os imperialismos norte-americano e europeu evitam condenar a repressão e legitimam, na prática, os golpistas. Aceitam que Zelaya volte, mas desde que concorde com o acordo reacionário.

Nada é mais revelador do que os termos do acordo. Primeiro, garante que os golpistas não sejam julgados, mantendo intacta a atual cúpula militar assassina, o Parlamento e a Corte Suprema de Justiça, que orquestraram o golpe. Propõe um "governo de unidade e reconciliação nacional" com os golpistas, a antecipação das eleições, encurtando o mandato de Zelaya, e o fim da consulta sobre a assembleia constituinte.

O acordo deixa os golpistas impunes e preserva as instituições. O regime político reacionário e ditatorial de Honduras seguiria intacto e voltaria cedo ou tarde a atacar o povo.

O acordo necessita da aprovação de Zelaya, visto pelos setores populares como dirigente indiscutível. Ele declarou repetidas vezes que apoia a proposta, abandonando as reivindicações mais sentidas do povo: a assembleia constituinte, o fim das velhas instituições e o julgamento e punição dos militares e civis responsáveis pelo golpe.

Essa posição é coerente com a trajetória de Zelaya, com origem num dos partidos burgueses tradicionais da elite. Com as pequenas reformas que fez, chocou-se com o setor majoritário dos empresários e as Forças Armadas. Seu caráter de classe o levou, desde o início, a negociar o retorno e evitar que a resistência se transformasse numa autêntica insurreição popular que ameaçasse o regime e a estrutura semicolonial do país.

Por isso, Zelaya se submeteu rapidamente à negociação. Ao aceitar plenamente a proposta de Arias e do imperialismo, aposta na saída imperialista e na conciliação.

Isolamento desgasta economia e golpistas

A burguesia hondurenha começa a sentir os efeitos econômicos de um mês de rebelião popular, dos bloqueios de estradas e do isolamento internacional. Uma série de eventos mostra a pressão imperialista para forçar o Acordo de San José. Por um lado, a retirada do visto diplomático de figuras chaves do golpismo: o presidente do Congresso Nacional, o ministro da Defesa, o comissário dos Direitos Humanos e um juiz da Suprema Corte. Por outro, a carta de empresas imperialistas presentes em Honduras, como Nike e Gap, contra o golpe.

Começam as primeiras fissuras na frente burguesa-oligárquica-militar, com atritos e pronunciamentos que se distanciam do golpismo. Começando pelas próprias Forças Armadas, que acenaram aceitar o Acordo de San José.

O funcionamento precário da economia prejudica as oligarquias da América Central e as multinacionais. Os golpistas começam a ver suas bases burguesas e oligárquicas insatisfeitas. Calcula-se em 500 milhões de dólares as perdas pelas interrupções nas atividades comerciais e pelo temor de investidores estrangeiros.

É importante dizer claramente que é necessário preparar-se para responder à repressão, organizando a autodefesa popular. É necessário quebrar a estrutura das apodrecidas Forças Armadas.

Ao contrário do que diz Zelaya, é necessário preparar-se para fazer frente aos ataques e chamar as camadas inferiores de oficiais a desobedecer às ordens de reprimir o povo. Já houve insubordinação de policiais obrigados a permanecer de prontidão por semanas, sem salário. E oficiais médios mostraram-se descontentes com o papel que cumprem. A frente de resistência deve chamar abertamente os soldados a romper.

O golpismo não se consolidou até agora, devido, em primeiro lugar, à resistência heroica das massas, que fizeram as maiores mobilizações de sua história. E pela dificuldade dos golpistas de legitimar-se internacionalmente.

É necessário manter a solidariedade em todo o mundo. Uma vitória popular em Honduras dará uma lição à direita fascista e estimulará o movimento operário e popular mundial. Devemos cercar de solidariedade a heroica luta das massas. É preciso isolar economicamente os golpistas exigindo dos governos o boicote total e fazendo ações operárias contra os que comercializam com o golpismo. Precisamos avançar e estender a mobilização até derrotar o golpe.

-Pela restituição incondicional de Zelaya!

-Derrotar o golpe com a mobilização popular: por uma greve geral até derrubar os golpistas!

-Punição aos golpistas. Julgamento de todo o alto comando militar!

-Dissolução da Corte Suprema e do Congresso, que orquestraram o golpe!

-Por uma assembleia constituinte livre, democrática e soberana!

-Solidariedade internacional à heroica luta das massas hondurenhas. Boicote total aos golpistas!

A ida à fronteira e as ilusões nos golpistas

Sua tentativa de retorno mostrou essa contradição: Zelaya fez um chamado ao povo para que fosse à fronteira com a Nicarágua garantir sua entrada. Foi uma convocação irresponsável, pois o presidente deposto fez crer que poderia convencer a cúpula militar a deixá-lo entrar pacificamente. Assim, colocou em risco a vida e a liberdade de milhares de ativistas e de muitos dirigentes da frente de resistência, cuja prisão poderia ter paralisado o movimento antigolpista.

A improvisada marcha demonstrou também o erro das principais direções da resistência, que seguiram Zelaya sem críticas. A resistência não deixou claro o sinal verde de Zelaya ao Acordo de San José. Nem foi dito que a política de chamar uma "mobilização pacífica" é um beco sem saída, pois gera ilusões no caráter supostamente "patriótico e negociador" da cúpula militar.

A frente de resistência deve retomar a luta direta e de massas para derrotar o golpe.

A greve geral de 48 horas iniciada em 22 de julho teve cerca de 80% de adesão, com dezenas de bloqueios de estradas em todo o país, parando portos e aeroportos. Militantes contam que, desde a grande greve bananeira de 1954, não se via uma greve tão generalizada, reunindo todas as forças sindicais e com fortes mobilizações de rua. O chamado de Zelaya para que o povo fosse à fronteira debilitou a greve e enfraqueceu as organizações da resistência na capital e nas principais cidades.

A situação em Honduras é explosiva e instável. Apesar da "aventura na fronteira", que poderia ter levado a um massacre e a uma grande desmoralização, as massas, com heroísmo e capacidade de sacrifício, conseguiram recuperar forças e retomar a mobilização. Esse episódio deve deixar lições importantes: só a mobilização independente das organizações de massa, com métodos de ação direta, pode derrotar efetivamente os golpistas e a negociação acordada.

Independentemente de todas as nossas críticas à política de Zelaya, reafirmamos que a reivindicação democrática central do povo hondurenho é seu retorno imediato e incondicional à presidência, exigência que vai diretamente contra o golpe. É preciso colocar no centro da batalha o retorno de Zelaya e as medidas de luta necessárias. A Frente de Resistência contra o Golpe deve intensificar os bloqueios de estradas e preparar uma greve geral que derrote o golpe.

GOLPE DE ESTADO TEM "ESCOLA"

GOLPISTAS estudaram em centro dos EUA que formou militares e torturadores

JEFERSON CHOMA, da redação

Nos tempos da guerra civil nicaraguense, Honduras era conhecido como o "porta-aviões" dos EUA na América Central. Era chamado assim devido ao suporte do país às ações contrarevolucionárias na região. Era dali que saíam armas aos "contras", mercenários recrutados para combater os sandinistas nas selvas da Nicarágua. Também de lá partiam para El Salvador inestimáveis reforços no combate à Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN).

Por trás desses episódios, há uma longa história que envolve uma das instituições mais odiosas do imperialismo, a School of the Americas (SOA, em inglês), ou simplesmente Escola das Américas.

O atual chefe das Forças Armadas de Honduras, Romeo Orlando Vásquez Velásquez, que destituiu o presidente Zelaya, graduou-se na infame escola, com outros dirigentes militares do país. Vásquez estudou na SOA em 1976 e 1984. O atual chefe da Força Aérea, general Luis Javier Suazo, estudou lá em 1996.

Muitos outros ditadores do país se graduaram na SOA. O general Juan Melgar Castro passou pela escola na década de 1970. Em abril de 1975, dirigiu um golpe de Estado.

Entre 1980 e 1982, a ditadura hondurenha foi encabeçada por outro aluno, Policarpo Paz García, que intensificou a repressão e os assassinatos de ativistas, com um dos mais temidos esquadrões da morte.

AULAS DE TORTURA

A criação da Escola das Américas ocorreu após a revolução cubana e a crise dos mísseis. O presidente John Kennedy decidiu que a escola serviria para proteger os interesses dos EUA na América Latina. Desde então, se dedicou a formar militares dos países latino-americanos e produzir ditaduras. Mas sua especialidade era ensinar técnicas de tortura a militares latino-americanos.

Em 1997, foi apresentado no Congresso dos EUA um manual de tortura utilizado pela escola. Também é conhecida a colaboração na Operação Condor, articulação das forças de repressão das ditaduras de Chile, Uruguai, Argentina e Brasil nos anos 1970. Atualmente, o principal "cliente" é a Colômbia, que pode ter mais de 10 mil soldados treinados na escola.

Leia +

A IMPORTÂNCIA DAS PALAVRAS DE ORDEM DEMOCRÁTICAS

EDUARDO ALMEIDA, *da redação*

As palavras de ordem não são em si mais ou menos revolucionárias, e isso inclui as consignas democráticas. Depende da situação em que são utilizadas.

Em processos revolucionários avançados, quando a questão da luta pelo poder está no horizonte, apostar na democracia burguesa leva a revolução diretamente à derrota. Não existe nenhum exemplo na história em que se tenha chegado ao socialismo pela via eleitoral. A burguesia que domina a economia pode controlar os partidos, a mídia e as eleições. Por isso, é necessária uma revolução para avançar rumo ao socialismo.

Isso não quer dizer, no entanto, que as palavras de ordem democráticas não tenham valor, como pensam alguns setores ultraesquerdistas. Sua defesa é muito importante para que o proletariado possa se organizar e se fortalecer. Muitas vezes é necessário defender as liberdades contra regimes democrático-burgueses, por exemplo, nos casos tão frequentes de criminalização do movimento social.

E a defesa das liberdades democráticas pode se tornar o centro do programa para um período, caso das lutas contra ditaduras ou golpes de Estado, como em Honduras.

AS LUTAS DEMOCRÁTICAS SÃO PARTE DA ESTRATÉGIA DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA

O capitalismo não está mais em sua fase de ascenso, em que podia resolver problemas sociais e fazer grandes concessões. Na etapa imperialista que vivemos, todas as lutas do proletariado, sejam por questões mínimas (salário, emprego, condições de trabalho) ou democráticas (liberdades democráticas, reforma agrária, independência nacional), não encontram soluções e acabam se chocando com o poder capitalista.

Por isso, os revolucionários repudiam as velhas concepções reformistas que separam as tarefas imediatas (mínimas ou democráticas) das máximas (luta pelo poder) e tratam de encadear cada uma das lutas concretas dos trabalhadores com a estratégia do poder. De acordo com essa compreensão, é fundamental ligar a luta democrática contra o golpe em Honduras com a perspectiva da revolução socialista.

A SITUAÇÃO POLÍTICA CONCRETA EM HONDURAS

Parte das polêmicas hoje na esquerda se apoia em uma avaliação incorreta da realidade. Alguns opinam que é necessário um programa para a luta imediata pelo poder em Honduras.

A luta democrática é parte da revolução socialista, mas isso não nos leva a ignorar as tarefas concretas em cada momento do processo. Um programa é necessário para uma mobilização contra um golpe militar e outro para uma situação de luta pelo poder.

Evidentemente, os dois programas estarão unidos pela estratégia revolucionária, mas são completamente distintos. O que estamos vendo no país hoje é uma luta crescente contra um golpe militar.

O golpe se iniciou como uma disputa interburguesa, sem grande participação popular. Manuel Zelaya, presidente eleito por um dos partidos de direita tradicionais do país, deu uma guinada populista no final de seu governo. A maioria da burguesia se reunificou num golpe que se apoiou em todas as principais instituições do país (Corte, Congresso, Forças Armadas). O governo Obama aposta numa tática de acordos com os governos nacionalistas e de frente popular no continente e não em golpes de Estado. Por isso, foi contra o golpe, mas não rompeu com os golpistas, encaminhando negociações através de Oscar Arias.

Manuel Zelaya, presidente deposto de Honduras

A resistência começou frágil, mas foi crescendo, com cortes de estradas e greves de categorias (como os professores), até chegar à paralisação de dois dias na semana passada, a maior da história desde a greve bananeira de 1954.

Porém, ainda existe uma parcela significativa da população (as pesquisas indicam 35% e 40%) que apoia o golpe. Não existem sovietes, e os setores mais importantes e combativos dos trabalhadores ainda apoiam entusiasticamente Zelaya, uma direção burguesa.

Perante essa situação, o programa é ordenado pela mobilização das massas contra o golpe. Os revolucionários devem estar na linha de frente das lutas democráticas, com a disposição de fazer unidade de ação com todos aqueles (operários ou burgueses) que estejam a favor desse programa. Exatamente o oposto do que seria o centro do programa no caso de uma luta pelo poder operário.

A POLÊMICA COM OS REFORMISTAS

Duas visões equivocadas surgem dessa discussão. Uma delas é a dos reformistas, que subordinam a luta democrática à direção da burguesia (no caso hondurenho, à de Zelaya). No entanto, o presidente deposto não quer um processo revolucionário em Honduras. Por isso, se recusa a defender as mobilizações diretas para derrotar o golpe, apostando nas negociações com Obama e Arias. Deixa de lado palavras de ordem democráticas vitais, como a convocação de uma constituinte, a punição dos golpistas e a dissolução de suas instituições.

Aceitar a direção de Zelaya é recuar em relação à defesa de parte fundamental do programa democrático para Honduras. É deixar de lutar para que o movimento operário e de massas tenha hegemonia na luta democrática, independente da direção burguesa.

OS ERROS DA ULTRAESQUERDA

O erro mais comum da ultraesquerda é achar que o centro das tarefas em Honduras é a luta pelo poder e não a derrota do golpe.

Por isso, há questionamentos quanto à palavra de ordem de retorno de Zelaya, a consigna central pela qual lutam os hondurenhos neste momento, o que define em essência a vitória ou a derrota do golpe. Estar contra a volta do presidente deposto é fazer coro com os golpistas, o que é extremamente grave.

Nós sabemos quem é Zelaya, mas os trabalhadores hondurenhos não. E eles não farão sua experiência com esse governo sem que volte ao poder.

A oposição à palavra de ordem de assembleia constituinte tem a mesma origem. Por ser parte da democracia burguesa, e porque é preciso "lutar pelo poder do proletariado".

Novamente, esses companheiros substituem a realidade por seus desejos. Não está colocada na realidade a luta imediata pelo poder, e seria imensamente progressivo que a mobilização atual tivesse a perspectiva de uma constituinte, em que fosse discutido um programa para o país, incluindo nossa perspectiva socialista.

Mais uma vez, levemos essa polêmica ao terreno concreto da situação hondurenha. Os que mais se opõem à constituinte são Obama e o próprio Zelaya (para se encaixar no plano Arias).

UM PROGRAMA PARA DISPUTAR O MOVIMENTO DE MASSAS

Entender a dinâmica das mobilizações em Honduras numa estratégia para a revolução socialista tem uma tradução clara: desenvolver as mobilizações dos trabalhadores (pela greve geral), com um programa centrado no eixo democrático (abaixo o golpe, retorno de Zelaya, punição aos golpistas, constituinte), denunciando as negociações promovidas pelo imperialismo e Arias, com apoio de Zelaya.

A derrota do golpe é a principal tarefa e tem uma enorme importância para a América Latina. Além disso, subestimar a luta democrática deixa essa bandeira nas mãos de Zelaya, sem oposição, o que leva ao afastamento ainda maior da luta pelo poder. Ao contrário, disputando a direção da luta democrática com a burguesia, é possível abrir caminho para a construção de uma alternativa independente, que pode ultrapassar os limites da democracia burguesa.

PORQUE TEM QUE TOCAR RAUL

WILSON H. DA SILVA, *da redação*

Há 20 anos, em 21 de agosto de 1989, o "maluco beleza" Raul Seixas embarcou em sua última viagem. Nascido em 1945, em Salvador, o cantor e compositor continua a impor sua marcante presença no cenário musical brasileiro. Também segue conquistando fãs entre milhões de jovens que sequer haviam nascido quando ele morreu vítima de uma parada cardíaca provocada pelo mau funcionamento de um pâncreas há muito castigado pelo álcool e uma razoável lista de outras substâncias.

Figura exemplar de uma geração que tentou traduzir em arte os tumultuados anos que vão do final dos 1960 a meados da década de 1980, Raulzito tornou-se o mito que é, até hoje, ao saber combinar, como poucos, letras poéticas, irreverência e criatividade com uma postura literalmente "anarquista" diante da vida. Tudo isso embalado em sonoridades que, mergulhadas no melhor do rock e do blues, sempre dialogaram com a cultura brasileira, seja a enraizada nas tradições nordestinas, seja aquela que brota dos meios urbanos.

É exatamente por isso que, em pleno século 21, é praticamente impossível que uma noitada num boteco com música ao vivo, uma festa ou um show que reúna gente "antenada com o mundo" possa acabar sem que alguém encha os pulmões para gritar: "Toca Raul". A frase é a tradução espontânea dos mesmos desejos que alimentaram a alegria, a poesia e a beleza da obra de Raulzito.

DESOBEDIÊNCIA COMO CAMINHO PARA A CRIATIVIDADE

Radical no melhor sentido da palavra, Raul Seixas era uma espécie de "menestrel" fora do tempo e do espaço. Comportando-se como uma daquelas figuras da Idade Média que recolhiam histórias das margens da "história oficial" e as transformavam em poesias cheias de ironia, sensualidade e visão crítica, o cantor repetia à exaustão que tudo o que criava era resultado de sua convicta postura de "desobediência" diante da lógica do mundo.

Nascido numa capital nordestina, criado ao som do rádio e dos sucessos de Luiz Gonzaga e mergulhado (através de seu pai ferroviário) no universo dos repentes e do cordel, Raul cresceu para se transformar em roqueiro e "imitador consciente" de Elvis Presley.

Figura "esquisita" na capital baiana – com seu cabelo banhado em "brilhantina", jeans agarrado à pele e casacos de couro nada adequados ao sol de Salvador –, o "showman" Raul foi, durante a infância (e no decorrer da vida fora dos palcos), um sujeito tímido, dado mais à leitura (ele sonhava em ser escritor) do que às brincadeiras de rua e baladas.

Ainda bastante jovem, juntou-se com amigos numa série de bandas que tiveram vida curta, mas foram marcantes para sua formação, como "Os Relâmpagos do Rock" e "Raulzito e os Panteras", formadas ainda na década de 1960, e que o aproximaram da turma "bem comportada" da Jovem Guarda, com "roquinhos" um tanto insossos como "Doce, doce, doce amor". Nessa época, foi para o Rio de Janeiro.

A figura de Raul, no entanto, dificilmente poderia encontrar seu lugar em meio a artistas como Jerry Adriani, Roberto Carlos e os demais representantes da Jovem Guarda. Raulzito também não poderia ficar imune à onda psicodélica e rebelde que varria o mundo nos arredores de 1968.

Com sua típica "desobediência", o cantor, literalmente, tomou de assalto o estúdio da empresa fonográfica que o estava contratando para gravar seu segundo LP, *"Sociedade da Grã-Ordem Kavernista Apresenta Sessão das 10"*, cujos títulos e sonoridades antecipam seus maiores sucessos dos anos 1970.

Apesar de a distribuição do disco ter sido censurada pela empresa, Raul chegou ao grande público com seu estilo em 1972, quando participou do 7° Festival Internacional da Canção, promovido pela Globo, com duas músicas que marcaram época: a deliciosa mistura de rock e baião "Let me sing" e a enlouquecida "Eu sou eu Nicuri é o Diabo".

O bordão "Toca Raul" virou sinônimo de contestação à "caretice"

METAMORFOSE AMBULANTE

Sempre atento ao mundo ao seu redor, Raul emplacou, no ano seguinte, um de seus maiores e mais fantásticos sucessos, "Ouro de tolo", uma letra em que aspectos autobiográficos misturam-se com a mais debochada crítica à ditadura, seu "milagre" econômico e à censura.

Foi nesse mesmo ano que saiu o disco "Krig-Ha, Bandolo", com uma excepcional concentração de músicas inesquecíveis, como "Metamorfose ambulante", "Mosca na sopa", a própria "Ouro de tolo" e "Al Capone". Todas elas transformadas em verdadeiros hinos de uma juventude que queria gritar por liberdade.

Diversas em ritmos e temas, todas as músicas, no entanto, têm uma coisa em comum, típica da obra de Raulzito: a ideia de "refazer-se", "reinventar-se" a cada momento, fugir das regras estabelecidas, questionar tudo e todos. À beira muitas vezes de um misticismo meio alucinado (que o aproximou da hoje inglória figura de Paulo Coelho) – praticado por alguém que sempre dizia que "não existe Deus, senão no homem" – e com uma riqueza poética poucas vezes encontrada na música brasileira, as músicas ainda tinham a capacidade de conquistar os públicos mais diversos.

UM SONHO SONHADO JUNTO É REALIDADE

Vivendo numa sociedade repressiva e "careta", que o levou muitas vezes a embates com o sistema (como na sua primeira prisão, em 1974, pelo Dops, e o breve exílio nos EUA), podemos dizer que a grande contribuição de Raul para a juventude da época foi exatamente a possibilidade de "sonhar" um outro mundo.

Um sonho um tanto lisérgico, psicodélico e anarquista, mas um sonho que, como o próprio cantor dizia, deveria e merecia ser sonhado, pois, nas suas palavras: "Somente o sonho sonhado sozinho é um sonho; um sonho sonhado junto é realidade".

Sonho traduzido em canções posteriores como "Sociedade alternativa" e a memorável "Gita" que, quando lançada, praticamente impôs a figura de Raul ao mercado ao vender nada menos do que 600 mil cópias.

Homem de muitos e destrambelhados amores, sujeito que nunca teve medo de "tentar outra vez" e dono de uma cultura digna de quem "nasceu há dez mil anos atrás", Raul Seixas partiu deixando uma obra que, pela sua multiplicidade, é capaz de embalar os mais diversos momentos da vida de seus fãs.

Fruto de sua época, também não foi "santo", muito menos inquestionável. Afinal, em meio a preciosidades como "O dia em que a Terra parou" e "Aluga-se" (transformada em hino contra o FMI e o pagamento da dívida externa), Raulzito também deixou umas tantas bobagens, como por exemplo, o "intragável" e homofóbico "Rock das Aranhas".

Derrapadas à parte, o que ficou de sua obra depois de três décadas de sua ausência é a figura do "mago" irreverente, do "maluco beleza" que, sem dúvida, sempre que toca deixa nossa vida mais legal.

VALE ENFRENTA GREVE DE MINEIROS NO CANADÁ

MULTINACIONAL

tenta retirar direitos de trabalhadores da Vale Inco

IGOR GARCIA,
de Belo Horizonte (MG)

Não é só no Brasil que a mineradora Vale (ex-Vale do Rio Doce) ataca os trabalhadores. A empresa, privatizada no governo de FHC, atua como qualquer multinacional, explorando mão de obra e saqueando recursos naturais em todo o mundo. No Canadá, a empresa comprou em 2006 a mineradora Inco, e passou a atuar sob o nome Vale Inco. Agora, ao negociar o acordo coletivo, tenta um grande ataque contra os direitos.

Em resposta, trabalhadores da Vale Inco estão parados desde 13 de julho. Cerca de 3.500 mineiros cruzaram os braços nas comunidades de Sudbury e Port Colborne, na província (estado) de Ontário, e Voisey's Bay, no oeste do país. Juntas, as minas produzem 31% de todo o níquel da Vale.

Assembleia de mineiros da Vale canadense

A proposta da empresa foi rejeitada por 85% dos filiados ao sindicato USW (United Steel Workers), pois contêm diversos ataques a direitos, como o abono do níquel, o plano de pensões, o fim da reposição automática da inflação e a terceirização (*quadro abaixo*).

A multinacional que ostenta as cores brasileiras busca uma reestruturação estratégica na sua empresa do Canadá. Por isso, sua postura tem sido tão intransigente. Quer aproveitar a crise econômica para cortar custos, reduzindo direitos.

São ataques muito violentos e, caso a Vale consiga implementá-los, poderá significar uma derrota histórica dos mineiros canadenses, rebaixando seus direitos e salários a níveis praticados em outros países muito menos desenvolvidos.

TODO APOIO À GREVE

Por isso, é uma tarefa urgente dos trabalhadores brasileiros, em especial os da Vale, apoiar ativamente a greve dos mineiros canadenses. A Conlutas e seus sindicatos de mineração já enviaram cartas de apoio, publicadas no site da greve.

Além disso, uma delegação estará no Brasil entre 11 e 19 de agosto, divulgando a greve e conhecendo os sindicatos da Vale daqui. Além dos ligados à CUT, os canadenses também visitarão os sindicatos ligados à Conlutas, como os de Itabira e Congonhas, em Minas Gerais. Essa será uma oportunidade única para estreitar laços de solidariedade e fortalecer essa greve que, caso seja vitoriosa, se transformará num exemplo a ser seguido em todo o mundo.

VISITE O SITE DA GREVE
http://www.fairdealnow.ca

Mineiro canadense. Ao lado, Roger Agnelli, presidente da Vale

	Como é atualmente	O que a Vale quer
ABONO DO NÍQUEL	O sistema é uma forma de participação no lucro parecida com a PLR, usada por aqui ao final de cada ano. Os patrões vinculam o pagamento ao desempenho da empresa. Assim, quando o preço do níquel está alto, os trabalhadores recebem um percentual. Quando o preço está baixo, não se paga nada.	A Vale quer elevar o valor mínimo para acionar o sistema de abono. Hoje, os trabalhadores recebem sempre que o valor do níquel passe os 2,25 dólares canadenses. A Vale quer que isso ocorra somente quando o níquel supere 5 dólares canadenses. E quer impor um teto para a quantia, limitando significativamente os futuros abonos.
APOSENTADOS	Há um só nível de aposentadoria para todos os funcionários. Todos se aposentam na forma de benefício definido.	Cria dois níveis. Antigos funcionários continuariam com benefício definido e os novos passariam a receber na forma de contribuição definida, perdendo benefícios.
GATILHO SALARIAL	Os mineiros da Inco possuem um tipo de "gatilho" que reajusta o salário automaticamente sempre que a inflação ultrapassa um determinado índice.	Propõe cortes no sistema para que o reajuste não seja incorporado aos salários. O salário seria congelado e reajustes não contariam, por exemplo, para a aposentadoria.
TRABALHO TERCEIRIZADO	Há utilização de mão de obra terceirizada nas minas, mas limitada por algumas regras.	Quer que terceirizados possam operar empilhadeiras, guindastes e dirigir caminhões, o que hoje não é permitido.

Trimestre ruim não ameaça caixa da empresa

Dinheiro guardado é tanto que empresa deu 6,5 milhões de dólares a executivos

DA REDAÇÃO

A Vale divulgou balanço do segundo trimestre no dia 29 de julho. Os números apontam queda de 81,5% no lucro líquido da empresa no período, além do esperado. Assim, entre abril e junho lucrou 1,466 bilhão de reais, abaixo dos 3,15 bilhões de reais do trimestre anterior e menos ainda que os 7,906 bilhões de reais de lucro dos mesmos meses de 2008.

A queda mereceu manchete dos principais jornais e provavelmente será usada pela Vale como justificativa para atacar ainda mais seus trabalhadores. Pouco noticiado foi o caixa da empresa, resultado dos lucros nos últimos anos. A Vale é a mineradora mais lucrativa do mundo e uma das menos endividadas. Só em 2008, lucrou 10,5 bilhões de dólares.

A Vale possui mais de 12 bilhões de dólares em caixa, suficiente para pagar os funcionários de todo o mundo por cerca de seis anos.

Os mineiros do Canadá sabem disso e têm procurado mostrar que a empresa não tem razões para atacar seus direitos. No site que criaram para a greve, uma das primeiras notícias é a denúncia do prêmio que a Vale deu a seus seis principais acionistas. Cada um recebeu 6,5 milhões de dólares, o que um trabalhador brasileiro ganharia em 800 anos.

Os mineiros do Canadá sabem que o capital da empresa não vem apenas do minério arrancado das minas brasileiras. A Vale comprou a Inco em 2006 e, em apenas dois anos, já lucrou 4,1 bilhões de dólares no país.

STF JULGA DEMISSÕES EM MASSA NA EMBRAER

SUPREMO JULGA RECURSOS no dia 10 de agosto. Trabalhadores aguardam decisão final

DA REDAÇÃO

Na segunda, dia 10, às 13h30, o Tribunal Superior do Trabalho (TST), em Brasília, irá julgar a demissão em massa na Embraer, ocorrida em fevereiro. Estarão em discussão dois recursos. Um, do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos, pela reintegração dos 4.273 trabalhadores. E o da Embraer, questionando decisão do TRT de Campinas, que definiu a data de suspensão dos contratos como 13 de março e não 19 de fevereiro, aumentando, assim, as indenizações.

O Sindicato dos Metalúrgicos e a Conlutas preparam uma grande caravana com os demitidos para acompanhar o julgamento. A entidade realiza ainda uma assembleia na porta da Embraer, no dia 5. Iniciativas têm sido tomadas pelo Comitê pela Reestatização. Enquanto fechávamos esta edição, um grupo viajava a Brasília para uma audiência, no dia 4, no Senado.

CARAVANA irá a Brasília acompanhar julgamento e exigir do governo Lula a reestatização

PELA REESTATIZAÇÃO

A demissão em massa causou uma comoção, mas o papel do governo foi vergonhoso. Como a CUT, Lula soube das demissões antes de elas ocorrerem, mas não fez nada. O governo sequer tentou vetar as demissões, como acionista. Diante de uma comissão de demitidos, Lula contentou-se em dizer que "iria torcer pelos trabalhadores". Como se torcida ganhasse jogo...

O presidente tem relações amistosas com a Embraer. Sua candidatura recebeu R$ 1,3 milhão em doações da empresa. O governo não só esteve contra os trabalhadores, como continua a sustentar a Embraer. O BNDES chegou ao cúmulo de, após as demissões, liberar R$ 700 milhões.

Em Brasília, no julgamento, os trabalhadores exigirão do governo a reestatização da empresa, sob controle dos trabalhadores, e uma lei que garanta a estabilidade. Também vão propor a redução da jornada, sem redução de salários, já que a Embraer é a única do ramo no mundo com uma escandalosa jornada de 43 horas.

A JUSTIÇA E O DIREITO DE DEMITIR

Para muitos trabalhadores, até agora não há o que explique por que a Embraer abriu mão de seu trabalho, do esforço que dedicavam todos os dias. Após meses, a perplexidade e a revolta não sumiram. E tampouco a esperança de recuperar o emprego. Agora, depositam suas últimas reservas de ilusão no julgamento do TST.

O dilema dos trabalhadores da Embraer pode ser sentido por outros trabalhadores. Novas demissões podem ocorrer e retomar o debate sobre a Justiça. É fundamental conhecer seus limites. Saber que o juiz da partida apita para o outro time e por que, mesmo assim, é importante seguir lutando.

DEMISSÃO SEM MOTIVO

A luta na Embraer ressuscitou o debate sobre as demissões imotivadas. Ao manter as demissões, um juiz sustentou que "não existem leis que impeçam a demissão imotivada". Por mais que juízes lamentassem, por mais que alguns declarassem injustas as demissões, ao fim todos acabavam dando vitória para a Embraer. Quando o TRT de Campinas suspendeu as demissões, outro desembargador logo derrubou a decisão.

Contestar demissões é questionar seu direito de decidir quem manda em sua propriedade

De fato, a burguesia nunca deixou aberta essa brecha, que lhe privasse de demitir quantos trabalhadores quisesse. E acompanhou com atenção a movimentação na Justiça. Afinal, contestar seu direito de demitir é questionar seu direito supremo de decidir quem manda em sua propriedade. O que seria das empresas se não pudessem mais demitir? Quase o mesmo que garantir a estabilidade no emprego.

PROPRIEDADE COMO DIREITO SUPREMO

A Justiça é uma das principais instituições do Estado. É responsável por preservar as leis da burguesia, principalmente a que estabelece a propriedade privada. É ela que permite possuir terras, fábricas e outros meios de produção. Quem não tem esses meios é obrigado a vender sua força de trabalho em troca do salário.

O direito à propriedade é sagrado e nenhuma lei pode se contrapor a ele. Sem isso, a burguesia não conseguiria governar, já que a raiz de seu poder está no controle dos meios de produção.

Os direitos dos trabalhadores são limitados. A burguesia até permite a greve, mas parcial e desde que não ultrapasse esse limite. Por isso, a Justiça é tão intolerante com ocupações de fábricas ou de terras e imediatamente convoca a tropa de choque. Tudo para garantir que o capitalismo siga funcionando, que uma classe continue explorando outra, que uma minoria explore a maioria.

SÓ A LUTA MUDA A VIDA. E, ÀS VEZES, LEIS

É natural pensar que, estando a Justiça ao lado dos patrões, não há nada a fazer. Nesse momento, o pior seria os trabalhadores deixarem de se mobilizar. Por mais que não devamos alimentar ilusões na Justiça, tudo o que foi conquistado foi fruto de mobilizações. Sem lutar, teríamos conseguido bem menos.

Deixaríamos a Justiça livre para decidir nosso futuro nas nossas costas. O certo é que todas as decisões a nosso favor foram conquistadas com muita pressão. Por isso, a luta não pode parar. A única esperança dos trabalhadores deve ser em suas próprias forças.

Se a luta muda a vida, às vezes ela também modifica as próprias leis. Foi assim com a redução da jornada, a volta das liberdades democráticas e as poucas conquistas trabalhistas. A luta pelo fim das demissões imotivadas, por estabilidade e pela readmissão devem ser nossas bandeiras permanentes.

Principais momentos

18.NOVEMBRO Sindicato tenta reuniões com a Embraer sobre rumores de demissão em massa. Cinco ofícios são enviados. Empresa nega.

19.FEVEREIRO Embraer demite 4.273 trabalhadores. Na hora das demissões, sindicato avisava da ameaça. À noite, na assembleia em frente à Embraer, a tropa de choque lança gás-pimenta.

20.FEVEREIRO Novas assembleias. Comissão em Brasília não é recebida por Lula.

27.FEVEREIRO TRT suspende as demissões. Passeatas em São José dos Campos e na Embraer. Sindicato reúne-se com BNDES.

04.MARÇO Protesto dos demitidos em Brasília. Comissão é recebida por Lula, que promete buscar acordo, mas nada fez de concreto.

05.MARÇO Caravana acompanha audiência no TRT, que mantém demissões suspensas.

12.MARÇO Lançamento da campanha pela reestatização.

13.MARÇO Audiência termina em impasse.

18.MARÇO TRT declara demissão abusiva, mas nega reintegração.

30.MARÇO Dia Nacional de Luta tem como um dos centros a batalha na Embraer.

15.ABRIL Lançamento do Comitê Nacional pela Reestatização, na Alesp. Ainda em abril, Embraer é obrigada a reintegrar parte dos 200 lesionados também demitidos.

12.MAIO Trabalhadores demitidos eleitos para Cipa acampam por 24 horas em frente à Embraer, pela reintegração.

15.ABRIL Lançamento do livro "A Embraer é Nossa".

29.JUNHO TST propõe aumentar indenização. Embraer se nega a aceitar.

40 ANOS DO HOMEM NA LUA

'Terra cheia' - imagem da Apollo na órbita da Lua

APESAR DE MOTIVADA PELA DISPUTA COM O PROGRAMA ESPACIAL SOVIÉTICO, a chegada do homem à Lua impulsionou a ciência e o desenvolvimento tecnológico, mostrando o que poderia ser feito caso estes não estivessem a serviço do capitalismo

***JEFERSON CHOMA**, da redação*

Em 16 de julho de 1969, a nave espacial Apollo 11 partiu do Cabo Canaveral. A bordo estavam os astronautas Neil Armstrong, Edward "Buzz" Aldrin e Michael Collins. Os dois primeiros desceram rumo à superfície no Módulo Lunar.

A chegada do homem à Lua foi motivada pela intensa polarização entre Estados Unidos e União Soviética. O imperialismo norte-americano investiu alto para superar a URSS na chamada "corrida espacial".

Nas comemorações dos 40 anos da conquista da Lua, é importante ressaltar também os avanços do programa espacial soviético. Na década anterior, apesar da burocratização stalinista, o Estado operário soviético havia dado mostras da superioridade da economia planificada, livre das amarras do capitalismo. Em 1957, os soviéticos colocaram em órbita o primeiro satélite da humanidade, o Sputnik. E depois a cadela Laika, o primeiro ser vivo a entrar em órbita. Em 1961, realizaram um feito ainda mais notável. O cosmonauta Iuri Gagarin foi o primeiro ser humano a viajar ao espaço e proclamar: "a Terra é azul". Um feito admirável para um país que quarenta anos antes tinha cerca de 90% da população analfabeta.

Desde o início, porém, a corrida espacial foi extremamente desigual. Como potência imperialista hegemônica, os EUA tinham a seu dispor todo o parque produtivo do planeta. Já a URSS estava isolada e tinha acabado de superar os resquícios de um enorme atraso econômico e cultural. O maior obstáculo ao programa espacial soviético (e suas pesquisas científicas) foi justamente o isolamento do país, provocado pela política stalinista do socialismo em um só país. Se a economia planificada tivesse substituído a propriedade capitalista em escala mundial, a URSS (e outras nações não-capitalistas) poderiam ter mobilizado as potencialidades humanas a serviço de um amplo desenvolvimento das ciências. O impressionante é que, apesar dessas limitações, a URSS foi pioneira na conquista do espaço.

A resposta norte-americana ao avanço russo foi dada em 1961 pelo então presidente dos EUA, John Kennedy, que prometeu levar astronautas do país à Lua até o final da década. Foi criado então o programa Apollo.

Mas a prioridade do programa não foi o experimento científico, e sim político e militar: o desenvolvimento de foguetes e mísseis. Além, é claro, da viagem à Lua, que serviria como peça de propaganda contra a URSS.

Por outro lado, muitos cientistas e físicos discordavam do projeto. Opinavam que o envio de missões não tripuladas seria mais barato e seguro e que o dinheiro gasto com o projeto Apollo poderia ter sido investido em temas mais importantes da pesquisa científica. O projeto foi extremamente caro, US$ 150 bilhões, em valores de hoje. Além disso, havia um enorme risco em enviar uma tripulação à Lua. Por exemplo, o módulo utilizado por Armstrong e Aldrin foi testado pela primeira vez apenas em solo lunar. Sua fragilidade não permitia que nenhum teste fosse realizado sob a gravidade da Terra.

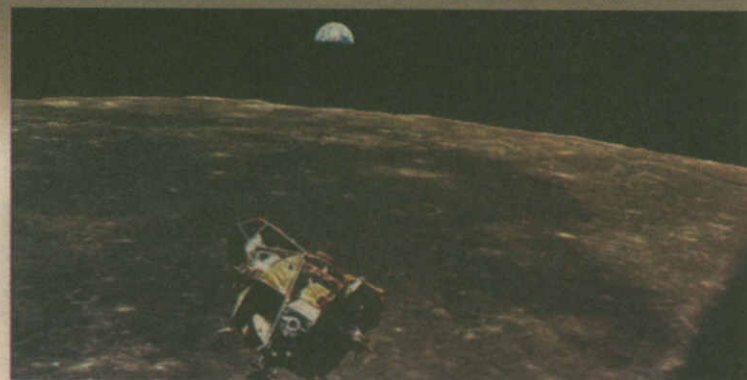
Assim, depois de um grande esforço científico, os norte-americanos construíram uma máquina capaz de atravessar os 386 mil quilômetros que nos separam da Lua, pousar suavemente em solo lunar, colher amostras e ainda voltar para casa em segurança. Esse feito foi repetido por apenas 12 homens em outros cinco desembarques, entre 1969 e 1971.

DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO

Do ponto de vista científico, as pesquisas que levaram à viagem lunar, assim como as conquistas do programa soviético, proporcionaram um extraordinário desenvolvimento tecnológico.

A comunicação via satélite, o desenvolvimento de computadores, a observação das condições meteorológicas, entre muitas outras, são heranças diretas da corrida espacial. Além do mais, a viagem à Lua permitiu satisfazer um pouco a curiosidade humana sobre o universo e o próprio planeta. A coleta e a análise do solo lunar desvendaram boa parte da composição do sistema solar, apresentando novas hipóteses sobre sua criação.

No entanto, depois que o governo dos EUA obteve os dividendos políticos que desejava, o projeto Apollo foi prematuramente cancelado. "Justo agora que estamos fazendo descobertas!", protestou o famoso físico Carl Sagan, que se opunha ao uso político do programa. Anos depois, ele se tornou um dos mais prestigiados diretores da Nasa.

Mas o legado humano da chegada à Lua não foi ofuscado. Ao lado das conquistas soviéticas, a missão Apollo mostrou que seres humanos poderiam sair da Terra e chegar a outro corpo celeste. Que a humanidade podia vencer o desafio de construir máquinas complexas, superar barreiras imagináveis e viajar ao espaço. A Lua estava ao nosso alcance. Essa foi a primeira e humilde demonstração de que é possível conquistar o cosmo.

Modulo lunar vai em direção da lua. Ao fundo a Terra

O PROGRAMA ESPACIAL DEPOIS

Após o cancelamento do programa Apollo, a Nasa passou por altos e baixos. Cada vez mais, a agência perde seu caráter cientifico e sofre com a ingerência dos militares. Novamente, Carl Sagan denunciou essa transformação. Criticou o cancelamento de projetos de caráter científico e o desvio de dinheiro para projetos militares, como mísseis e satélites espiões, além do programa "Guerra nas Estrelas".

Uma das críticas foi ao ônibus espacial. Originalmente, o projeto era extraordinário porque procurava tornar viagens ao espaço seguras, simples e baratas. Mas os militares colocaram seu dedo e fizeram uma série de exigências, como construir uma nave muito maior do que o plano original para levar satélites militares ao espaço. Ao final, transformaram o projeto do ônibus espacial no seu oposto: perigoso, complicado e caríssimo.

O tempo se encarregou de mostrar que essas críticas estavam certas. Dos cinco ônibus construídos, dois explodiram matando toda a tripulação (os acidentes mais graves de história da engenharia aeroespacial).

Por outro lado, a militarização da Nasa não impediu que ela conquistasse resultados notáveis na área científica: o lançamento da Mariner 9, sonda espacial que voou ao redor de Marte em 1971; os lançamentos da Pioneer 10, primeira sonda a passar próximo a Júpiter, em 1973, e da Pioneer 11, que foi a Saturno; a Viking 1, que pousou em Marte; as Voyager 1 e 2 (1977), que foram a Júpiter, Saturno, Urano, Netuno e Titã. Se os recursos não tivessem sido destinados para a área militar, a pesquisa científica teria avançado ainda mais.

Paralelamente, a tecnologia confiável do programa soviético também acumulava avanços: a construção dos foguetes Proton (utilizados até hoje), as sondas espaciais como a Venera (Vênus) e, pela primeira vez, a construção de uma estação espacial, a MIR.

É evidente o retrocesso atual de ambos os programas espaciais. A restauração do capitalismo na URSS desintegrou seu programa espacial. Para se sustentar minimamente, os russos são obrigados a enviar "turistas" milionários que pagam uma fortuna para ir ao espaço.

A Nasa também sofreu duros golpes. Dos anos 70 para cá, a parcela do orçamento norte-americano destinado à agência espacial caiu de 4% para 0,6%.

Quarenta anos após ir à Lua, o capitalismo mostra claramente o retrocesso nas áreas da pesquisa espacial. Sob esse sistema, a pesquisa científica a serviço do bem estar do ser humano é deixada de lado pelo desenvolvimento das forças destrutivas.

INVERNO QUENTE NA ÁFRICA DO SUL

DESDE JULHO, O PAÍS TEM SIDO SACUDIDO por uma onda de greves e protestos contra o governo, os baixos salários, o desemprego e as consequências da crise econômica mundial. É a primeira recessão desde o fim do regime racista do apartheid e a chegada ao poder do Congresso Nacional Africano

WILSON H. DA SILVA, da Redação

As manifestações ganharam as páginas da imprensa internacional com a paralisação de 70 mil operários que trabalham em ritmo desumano nos preparativos da Copa de 2014. Mas este não é o único problema do recém-eleito presidente, Jacob Zuma.

No 1°, chegou ao fim uma greve nos serviços públicos que envolveu cerca de 150 mil trabalhadores municipais e paralisou serviços como coleta de lixo e transporte. No mesmo período, os mineiros, que trabalham no principal setor da econômica sul-africana, também deram início a mobilizações e prometem ir à greve. Também começaram a lutar ferroviários e metroviários.

Quando fechávamos esta edição, estava chegando ao fim uma jornada de paralisações de dois dias, convocada pelo Sindicato dos Trabalhadores em Comunicação (CWU) contra a Telkom, principal empresa de telecomunicações do país, e a SABC (empresa de radiodifusão).

Paralisações, greves e protestos também têm sido protagonizados por trabalhadores de diversos outros setores, como transportes, químicos, farmacêuticos, médicos, jornalistas, construção civil e petroleiros, todos em campanha salarial ou lutando pela reposição de perdas e direitos.

Mas o centro dos protestos tem sido as manifestações populares, principalmente nos miseráveis "townships" (as enormes e segregadas favelas criadas durante o apartheid) e outros bolsões de pobreza espalhados pelo país. Em Thokoza, na periferia pobre de Johannesburgo, por exemplo, centenas de pessoas atacaram um prédio público em protesto contra o desemprego, que atinge o absurdo índice oficial de 23,6% da população.

A NOVA FACE DO APARTHEID

A onda de greves e protestos tem colocado na berlinda o recém-eleito governo Zuma, do Congresso Nacional Africano (CNA).

Primo-irmão de governos como os de Lula, Evo Morales, Tabaré Vásquez e uma série de outros que chegaram ao poder na última década por meio de frentes populares, Zuma foi eleito com um discurso populista, graças ao apoio de sindicalistas e da militância do Partido Comunista Sul-Africano.

O fim do apartheid na África do Sul foi uma impressionante vitória da mobilização revolucionária do povo negro sul-africano. No entanto, a esperança de dias melhores foi se frustrando pouco a pouco. Nos governos do CNA, foi implementado um acordo com a burguesia branca que possibilitou a manutenção do capitalismo no país e de seus privilégios. Enquanto isso, o receituário neoliberal era aplicado pelas mãos de Nelson Mandela e dos dirigentes do CNA. Privatizações foram realizadas e o país abriu sua economia às multinacionais.

O resultado não poderia ser outro. A desigualdade social entre brancos e negros não só se manteve, como aumentou em 10% em relação ao período do apartheid (1948-94), o que faz com que cerca de 50% da população viva abaixo da linha de pobreza. Por outro lado, a crise econômica afundou o país num processo recessivo não visto há 17 anos.

Quinze anos depois da primeira eleição multiracial do país, a situação para a maioria negra continua terrível. A contaminação pelo vírus HIV chega a 50% da população de algumas regiões. Em escala nacional, 70% das crianças vivem abaixo do nível de pobreza. Uma pesquisa realizada em 2007 revelou que cerca de 3 milhões dos 6,7 milhões dos jovens africanos entre 18 e 24 anos estão desempregados.

Enquanto isso, o nepotismo e a ascensão econômica e social dos ex-sindicalistas e ativistas do CNA que se encastelaram nos gabinetes governamentais correm a olhos vistos.

ZUMA, UM GOVERNO QUE NASCEU EM CRISE

O presidente foi eleito com promessas de realizar um governo *"em defesa dos pobres"*, ao mesmo tempo em que iria manter a política "pró-negócios" de seu antecessor, Thabo Mbeki.

Zuma é um político de formação populista, com vínculos com o Partido Comunista e a Cosatu (Congresso dos Sindicatos Sul-Africanos). Além disso, teve que passar por uma acirrada disputa no interior do CNA antes de ser indicado. Sua história recente é cercada de acusações de corrupção e um caso de estupro nunca devidamente explicado.

Sem o carisma dos anteriores e mergulhado na crise, o presidente tem se limitado a promessas mirabolantes, como a criação de 500 mil empregos somente em 2009. Uma proposta cuja realidade foi sintetizada pela sul-africana Sthabile Mahlangu, em entrevista ao *"Mail & Guardian"*: *"Nós morreremos de fome se formos esperar pela criação de empregos prometida pelo CNA"*.

Mahlangu, que perdeu o emprego em 2007, é ela própria um exemplo da crise, fazendo parte do verdadeiro exército de "camelôs" que estão tomando as ruas sul-africanas - o número de vendedores de rua duplicou entre 2000 e 2007, chegando a cerca de um milhão de pessoas.

A ÚNICA SAÍDA: REORGANIZAR A LUTA

As recentes greves têm uma enorme importância por recolocarem a classe operária no centro das manifestações. Nos "townships", foram vistas cenas que lembram o período do apartheid: pneus em chamas, policiais disparando contra moradores indefesos e veículos "brucutus" destruindo barracos.

Zuma foi a Durban, sua região de origem, tentar ganhar o apoio da população. Depois de falar sobre as dificuldades de colocar o país em ordem e de acusar os manifestantes de "vândalos", o presidente conclamou: *"Vamos trabalhar juntos!"*. Um detalhe: mesmo em sua base-eleitoral, o presidente não reuniu mais do que três mil pessoas, que reagiram com frieza ao seu chamado.

Sem o carisma dos anteriores presidentes e mergulhado na crise, Zuma se limita a fazer promessas, como a criação de 500 mil empregos em 2009

Mas o descontentamento e a disposição de luta dos sul-africanos esbarram num enorme obstáculo, a falta de organizações e entidades que os organizem para lutar. Todas as principais organizações dos trabalhadores estão metidas no governo e traem constantemente a mobilização do povo, que ainda os vê como seus dirigentes.

Isso ficou evidente, por exemplo, na mobilização do setor de telecomunicações. Em luta há uma semana contra o corte de empregos e direitos, os trabalhadores exigem um aumento salarial, reatroativo ao mês de abril, de 7,5% (Telkom) e 12% (SABC). O sindicato promete decretar uma greve geral do setor a partir do dia 11, o que pode paralisar serviços que vão da telefonia à internet, passando pelas estações de rádio e TV.

Dizendo-se solidários às reivindicações, os sindicatos das categorias, a exemplo de outras que saíram em mobilização, estão fazendo de tudo para garantir o "sucesso das negociações". O que, na perspectiva pelega, significa conduzir os trabalhadores para negociações rebaixadas.

REUNIÃO NACIONAL DA CONLUTAS IMPULSIONA DIA 14 E CAMPANHAS SALARIAIS

ALÉM DA LUTA CONTRA A CRISE, Conlutas aprova campanhas contra a gripe suína e pelo Fora Sarney

TIÃO TORRES, de São Paulo (SP)

Nos dias 25 e 26 de julho aconteceu no Colégio Pedro II, em São Cristóvão no Rio de Janeiro, a reunião da Coordenação Nacional da Conlutas. A reunião contou com 183 participantes, sendo 74 representantes com direito de voto e 109 observadores. Estavam representados 48 sindicatos, 30 oposições e minorias de entidades sindicais, 4 movimentos populares urbanos e 2 entidades estudantis.

A reunião reafirmou a intervenção das entidades e movimentos da Conlutas na organização do dia 14 de agosto, dia nacional de lutas e paralisações. Nos próximos dias será distribuído em todo o país o boletim nacional da Conlutas convocando as atividades do dia 14.

UNIFICAR AS LUTAS

A proposta da Conlutas é aproveitar o dia de luta para organizar paralisações em todas as bases que estiverem condições para tal, unificando principalmente as categorias que estão em luta neste momento com as que iniciam suas campanhas salariais.

A Conlutas já está preparando importantes mobilizações em São José dos Campos (SP), unindo os metalúrgicos, aposentados, trabalhadores dos Correios e o movimento popular do Pinheirinho, além de outros setores. Também serão realizadas fortes paralisações na construção civil do Pará e de Fortaleza, organizadas pelos sindicatos filiados à Conlutas.

Os petroleiros têm um indicativo nacional de paralisação para 14 de agosto, aprovado tanto pela FNP (Federação Nacional dos Petroleiros) como pela FUP (Federal Única dos Petroleiros). Já no dia 4 de agosto as bases da FNP realizam atrasos de 1 hora nos turnos para protestar contra a punição dos trabalhadores que fizeram a última greve da categoria.

Os servidores municipais de Belo Horizonte e os servidores estaduais do Rio de Janeiro também estão construindo paralisações neste dia e segue a mobilização dos servidores do Ministério do Trabalho e do conjunto dos servidores federais.

Outra característica importante do dia 14 de agosto serão as ações conjuntas do movimento sindical com o movimento popular. Neste sentido, a Conlutas está construindo atividades unitárias com o MTST e o MST. A Assembléia Nacional dos Estudantes Livres (ANEL) está convocando os estudantes para participar das manifestações unitárias nas principais cidades do país para defender a educação pública e denunciar os cortes de verbas que o Governo Lula vem fazendo.

A Conlutas segue chamando as demais centrais sindicais a priorizarem a construção do dia 14 de agosto, convocando suas bases para realizar paralisações neste dia e atos nas principais cidades do país. Somente nossa mobilização poderá barrar os ataques dos governos e dos patrões, que buscam jogar nas costas da classe trabalhadora os efeitos da crise econômica.

DIAS 7 E 8 TEM MUTIRÃO DO ABAIXO-ASSINADO

Nos dias 7 e 8 de agosto a Conlutas promoverá em todo o país atividades de recolhimento de assinaturas para o abaixo-assinado lançado em maio, exigindo do Governo Lula e do Congresso Nacional medidas concretas que protejam o emprego e os direitos dos trabalhadores e do povo pobre frente às conseqüências da crise econômica. As atividades do abaixo-assinado da Conlutas servirão também para convocar as mobilizações do dia nacional de lutas e paralisações.

No texto do abaixo-assinado se destacam a exigência da estabilidade no emprego, da redução da jornada de trabalho sem redução salarial e a reestatização da Embraer, Vale, Petrobrás e CSN.

CONLUTAS CHAMA O "FORA SARNEY"

A reunião da Coordenação Nacional da Conlutas definiu também um posicionamento oficial da entidade pelo Fora Sarney. A Conlutas engrossará protestos em todo o país pela retirada do atual presidente do Senado, contra a corrupção e pela prisão e confisco dos bens de todos os corruptos e corruptores.

Da mesma forma, a Conlutas vai questionar a própria existência da instituição, marcada por um sistema de representação desproporcional e antidemocrático (3 senadores por Estado), aonde sempre o lobby dos grandes empresários consegue mais facilmente aprovar projetos contra os trabalhadores e favoráveis à burguesia. Pelo fim do Senado e por uma Câmara única!

CAMPANHA EXIGE DO GOVERNO MEDIDAS CONTRA A GRIPE SUÍNA

O discurso do Governo Federal de que a gripe suína esta controlada no país caiu por terra. Existe um total descontrole do vírus, e a cada dia aumenta o número de contagiados e de mortes por conta desta gripe.

Esta epidemia vem revelando o descaso dos sucessivos governos com a saúde pública. Em maio, uma Medida Provisória liberou R$ 129 milhões para o combate da doença. Dois meses depois, apenas 7% do valor previsto foi gasto.

Os hospitais e postos de saúde não possuem a mínima condição de atender de forma adequada a população. Faltam profissionais, equipamentos, espaço físico e, principalmente, o remédio para combater a doença em quantidade suficiente para todos os infectados.

A Conlutas realizará uma campanha, através de seus sindicatos e movimentos, exigindo do governo Lula, dos governadores e dos prefeitos medidas concretas e eficientes de combate ao vírus e de atendimento à população. Exigimos do Ministério da Saúde a quebra da patente do remédio, para que seja possível sua distribuição para todos os doentes e para que esta epidemia não sirva para enriquecer ainda mais os laboratórios privados e multinacionais.

POR UM DIA NACIONAL DE PARALISAÇÃO DAS CATEGORIAS EM LUTA

No segundo semestre acontecem as campanhas salariais de importantes setores da classe trabalhadora brasileira, como metalúrgicos, petroleiros, bancários, trabalhadores da mineração, dos Correios, entre outras. Existe uma grande disposição de luta para arrancar reajustes salariais acima da inflação e derrotar a política de retirada de direitos dos patrões e dos governos.

Após o dia 14 de agosto, a Conlutas chama todas as centrais sindicais para construir um dia unificado e nacional de paralisação das categorias que estão em campanha salariais. Para isso, por iniciativa da Conlutas, serão convocadas nos estados e regiões reuniões das categorias em luta para organizar ações unificadas já no final de agosto e início de setembro.